

# SISTEMAS DE AÇÕES E O MEIO CONSTRUÍDO URBANO : POR UMA GEOGRAFIA DOS POSSÍVEIS<sup>1</sup>

EDISON CLAUDINO BICUDO JR.<sup>2</sup>

## *O espaço e suas subtotalidades*

No período contemporâneo, quando se intensificam as relações, normas e lógicas referentes ao processo de globalização, quer-nos parecer, muita vez, que os diversos territórios nacionais ficam definitivamente subjugados por uma ordem global avassaladora. As modernizações técnicas e organizacionais, percorrendo o mundo em velocidades sempre mais aceleradas, podem sugerir, por vezes, um cruel golpe de misericórdia contra as esperanças e tentativas de produção do novo e do diferente. Essa impressão torna-se especialmente viva quando observamos os estados nacionais latino-americanos, que, freqüentemente, conforme a proposição de Milton Santos (1996, 2002, p. 152), constituem a escala de impacto dos eventos globais, raramente representando sua escala de origem.

Se atentamos para uma atividade específica, como é a produção de medicamentos, essas questões se evidenciam. Com efeito, vemos que, nos últimos anos, os grandes laboratórios farmacêuticos transnacionais realizaram uma profunda reestruturação produtiva, transferindo fábricas, encerrando atividades de há muito instaladas, inaugurando fábricas e frentes pioneiras de pesquisa. Apenas um exemplo vamos buscar em Alexis Velázquez González, que realizou um estudo sobre a indústria farmacêutica no Brasil, preocupado sobretudo com a década de 1990.

O laboratório suíço Roche fechou 8 das 11 fábricas distribuídas pela América Latina, mantendo somente as do Brasil, da Argentina e do México ; retirou-se das áreas em que não tinha maior especialização e concentrou-se na fabricação de vitaminas e de medicamentos para tratamento e diagnóstico.

(GONZÁLEZ, A. 1999, p. 81)

Ao mesmo tempo em que essas estratégias econômicas e técnicas se efetuam, não cessam de ocorrer as formidáveis fusões entre grandes laboratórios, fenômenos que, dentro do universo farmacêutico, vêm acontecendo com preocupante regularidade (Magalhães, L. et alii, 2003).

---

<sup>1</sup> O presente texto contém idéias referentes a uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento no Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, com a orientação da professora dra. Maria Laura Silveira, e apoio da Fapesp, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

<sup>2</sup> ebicudo@usp.br

Sob os auspícios das grandes potestades farmacêuticas, os territórios nacionais podem parecer, aos olhos menos previdentes, como simples campo inerte, onde marcham os gigantes da terapêutica científica. E, com efeito, pode-se admitir que a atual configuração espacial dos países latino-americanos deve muito aos desígnios das grandes corporações, e não apenas aquelas que se dedicam à produção de medicamentos.

A geografia econômica interna de um país reflete seu lugar na economia política internacional, na divisão internacional do trabalho. É largamente reconhecido que os países do pólo receptor do imperialismo, por assim dizer, refletem, na sua estrutura espacial interna, sua posição subordinada e externamente orientada dentro da economia mundial.

(MASSEY, D. 1984, 1987, p. 82)

Ora, não foi esse mesmo fenômeno que Max Sorre buscou apreender com sua idéia de espaços derivados ?

Submetidos à ordem conduzida pelas ações instrumentais, próprias dos agentes hegemônicos, os territórios nacionais acabam servindo, eles próprios, como instrumentos, e passam a funcionar segundo os esquemas de planejamentos rígidos.

Apesar disso, cabe reconhecer os limites intrínsecos das ações hegemônicas. O caráter seletivo das modernizações (Santos, M. 1996, 2002), as desigualdades socioeconômicas, as manifestações de contra-racionalidades presentes no território, são testemunhos vivos de que o espaço abriga novas tensões. Estas, emergindo numa realidade complexa, tornam-se, ao mesmo tempo, crescentemente vivazes e crescentemente obscuras, implícitas, ocultas sob a capa da uniformização global.

Aproveitando-se desse expediente, os paladinos da globalização se esforçam por disseminar um discurso único, com pretensões universalizantes, e isso, com freqüência, nada mais é do que o desprezo das diferenças em nome da consolidação de um fazer e de um pensar típicos dos agentes mais poderosos, modernos e capitalizados.

Por isso, impõe-se, aos diversos investigadores, exercitar o poder de análise que lhes deve ser próprio. Milton Santos (1996, 2002) nos ensina que o mundo tende a ser unificado pela difusão de um sistema técnico, mas também que essa difusão, gerando acumulações singulares em cada lugar, forma sub-totalidades não menos relevantes. Cada vez mais, faz-se necessário incorporar a noção de híbridos, tão ressaltada por Bruno Latour (1994), pois, com efeito, os objetos presentes no espaço misturam atributos naturais, técnicos, normativos.

[...] o território é um misto de verticalidades e horizontalidades, de globalidade e localidade, de materialidade e ação. Essa impureza não lhe permite, tampouco, ser apreendido sob um prisma puro.

(Silveira, M. 1996, 1999, p. 31)

Como alternativa às abordagens que, puramente, fazem do espaço um agregado homogêneo, cuja evolução poderia ser medida por índices e dados conscienciosos, vimos propor um enfoque preocupado com as subdivisões do espaço. Dessa forma, não apenas poderemos considerar a existência de todas as ações constitutivas do território, como também saberemos identificar os processos pelos quais os lugares não se uniformizam nem se curvam, irrestritamente, à ordem global.

Perseguindo esses objetivos, temos trabalhado com a teoria dos dois circuitos da economia urbana, proposta por Milton Santos (1979, 2004). A par de um circuito superior, constituído pelos agentes mais modernizados e capitalizados, existe um subsistema espacial que chamamos de circuito inferior, reunindo as atividades mais localizadas, tradicionais e pobres. E entre esses dois subsistemas, forma-se o circuito superior marginal, um subsistema intermédio que apresenta, ao mesmo tempo, características próprias do circuito superior e do inferior.

Através do estudo da produção de medicamentos em território brasileiro, pudemos identificar a existência de um legítimo circuito superior marginal, a partir da superposição das ações de empresas médias e pequenas, muita vez capazes apenas de uma abrangência regional ou mesmo local. Mesmo envolvidos nessa produção largamente dominada pelas grandes corporações multinacionais, esses agentes hegemônicos logram subsistir. Essa sobrevivência surpreendente ancora-se em dois fenômenos típicos do período atual: por um lado, a possibilidade de constituição de sistemas técnicos inovadores; por outro lado, a nova força do lugar, a partir das ações comunicativas. Esses dois fenômenos, é o que passamos a analisar a seguir.

#### *Produção de medicamentos e uso do território*

Após a segunda guerra mundial, a produção de medicamentos passa por uma revolução técnica marcante. Inaugura-se então a fase áurea da química sintética, permitindo o trabalho com moléculas dotadas de propriedades terapêuticas inéditas. E os medicamentos antibióticos surgem como objetos plenos de uma intencionalidade inopinada.

Nos Estados Unidos, a atividade farmacêutica apresenta um grande salto científico, e a partir disso tem início um vasto processo de transnacionalização das empresas. O Brasil também acolhe essas vagas transnacionais, mas aqui vieram instalar-se apenas as fases menos estratégicas e nobres da produção de medicamentos. Nos países de origem dos

laboratórios, manteve-se a sede das decisões e das elaboradas atividades de pesquisa. Mais do que isso, mantiveram-se, nesses países, os elos mais poderosos e hipertrofiados de uma grande malha informacional, gradualmente espalhada por todo o planeta.

Ainda hoje, nos fóruns de discussão mais sisudos, ainda se dedicam longas horas ao debate da baixa elaboração técnica dos processos farmacêuticos realizados no Brasil. E surgem fartas propostas visando reduzir ou erradicar esse problema, que assim parece mais urgente e tormentoso do que um outro problema: o baixo acesso das gentes aos medicamentos.

Com essa transnacionalização das empresas farmacêuticas, impõe-se um tempo dominante, pois, doravante, o acontecer de cada lugar torna-se crescentemente ligado à dinâmica das empresas globais. Desde então, a terapêutica disponível nos diversos países sofreu renovações reiteradas, segundo o ritmo inovador estabelecido pelos laboratórios hegemônicos. Em 1974, Jean-Pierre Dupuy e Serge Karsenty escreveram :

[...] o que realmente torna a indústria farmacêutica uma indústria de inovação é que esta inovação é a variável estratégica por excelência [...] a forma clássica de concorrência pelos preços não intervém, ou o faz em proporção muito reduzida, de forma espontânea, no setor. Na realidade, é através da inovação que os laboratórios se fazem concorrência. Não inovar significa desaparecer rapidamente do mercado e ceder o lugar aos concorrentes. Há duas preocupações ligadas a esta necessidade vital : a de proteger estas descobertas por uma *patente*, e a de *diferenciar* estes produtos através da marca.

(DUPUY e KARSENTY, 1974, 1979, p. 67)

Essa aceleração definida pelas empresas mais modernizadas constituiu-se na *causa mortis* de muito laboratório brasileiro, subitamente alcançado pela incapacidade de participar da concorrência pela inovação. Mesmo aquelas empresas nacionais que puderam sobreviver, não o puderam em função de qualquer capacidade inovadora, mas sim por uma capacidade copiadora, as produções nacionais reeditando as etapas definidas pelas empresas estrangeiras.

Este é o momento em que se nota uma formidável concentração dos vetores modernos na cidade de São Paulo. Isso aconteceu em função das infra-estruturas já instaladas nessa cidade, mas também por se tratar de um importante elo da malha informacional global. Pelas concentrações que passa a abrigar, a situação traçada na cidade de São Paulo poderia, mesmo, sugerir uma condição de primazia sobre o restante do território brasileiro (Bicudo, E. 2004).

A técnica se impõe como norma. Na cidade de São Paulo, vão-se concentrando as empresas produtoras de equipamentos utilizados pelos laboratórios farmacêuticos. Essas empresas, somadas aos laboratórios transnacionais e aos grandes distribuidores de medicamentos, acumulam em São Paulo aquilo que Maria Laura Silveira chamou de normas técnicas, formando uma legítima densidade normativa (Silveira, M. 1997).

Mas outras cidades apresentam, pelo menos quantitativamente, uma grande relevância das atividades farmacêuticas. Assim, Recife, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Curitiba. E cria-se, na década de 1970, um pólo farmacêutico no município goiano de Anápolis, futuro nicho de grandes laboratórios nacionais.

Portanto, o aprimoramento das técnicas de produção veio definir um tempo hegemônico, cuja existência promoveu uma verdadeira hierarquização dos agentes, de acordo com suas velocidades particulares. Esse fenômeno é a base da formação dos circuitos da economia urbana, pois neste momento emerge o subsistema de ações ao qual chamamos de circuito superior, e, a partir de seus parâmetros, aparece o circuito superior marginal, dentro das atividades farmacêuticas.

A cada um desses circuitos corresponde não apenas uma temporalidade, mas também uma certa divisão do trabalho.

Como se sabe, as gigantes corporações farmacêuticas multinacionais realizam suas atividades no mundo, seguindo as prerrogativas dos Estados nacionais, mas com grande poder pra devassar fronteiras e gerar fluxos eficazes. Por outro lado, os menores laboratórios farmacêuticos raramente conseguem abranger a totalidade do território brasileiro, com freqüência ficando restritos a mercados regionais ou locais.

Não raro, essas empresas menores devem negligenciar oportunidades de expandir suas escalas de ação, seja pela necessidade de evitar cenários de concorrência mais ferrenha, seja porque tais expansões requereriam a utilização de aprimoradas técnicas, de produção, organização ou circulação, muito dispendiosas pra firmas de modesto capital.

Dentro do mercado, as diversas empresas, segundo a sua força, e segundo os respectivos processos produtivos, induzem a uma divisão do trabalho que corresponde ao seu próprio interesse.

(Santos, 1996, 2002, p. 135)

Os agentes, através de suas práticas territoriais efetivas, realizam as tendências postas em cada período histórico. Primeiramente, eles concretizam as possibilidades globais, pois o mundo pode ser pensado como um conjunto de possibilidades que esperam o momento de sua realização no espaço. Segundamente, eles dão forma e realidade à

formação socioespacial, pois esta também se caracteriza por um conjunto de tendências aguardando realização (Santos, 1996, 2004, p. 144).

Ora, vemos, assim, que os vetores da globalização, muito embora conduzam o sentido atual da história humana, mesmo assim não logram determinar todos os aspectos do acontecer próprios dos lugares mais restritos. Se há um circuito superior marginal, isso quer dizer que há, para os agentes hegemonzados, uma certa margem de escolha.

Da mesma forma como as técnicas se desenvolveram de maneira a permitir produções cada vez mais intencionais e precisas, assim também elas se investiram de uma grande capacidade de formar sistemas. Pode-se mesmo dizer que uma das principais características dos objetos modernos, um de seus aspectos constitutivos mais cruciais, é a imensa capacidade, que eles denotam, para constituir diversos sistemas (Baudrillard, J., 1968). Idealmente, eles fazem apelo a outros objetos igualmente modernos, formando uma família, um grupo coerente e veloz de técnicas. Mas esses requisitos nem sempre se podem realizar, sobretudo porque, para a maioria dos agentes presentes no território, o acesso às técnicas mais aprimoradas não se faz sem esforços e sacrifícios penosos e duradouros. Resta, aos agentes hegemonzados, constituir sistemas técnicos híbridos. Naquelas etapas da produção em que são indispensáveis os implementos mais aprimorados, seja por imperativos técnicos, econômicos ou normativos, tais requisitos se cumprem. Mas, noutras etapas, utilizam-se processos mais arcaicos, ainda que tal emprego venha a constituir uma desvantagem estratégica. Disso decorre uma das principais características do circuito superior marginal, a saber, a mistura de processos modernos e antigos, através de uma escolha cuidadosa entre as possibilidades existentes.

Mais do que isso, é necessário proceder a uma rigorosa escolha de uso do território. Este apresenta, em suas diversas regiões e lugares, um conjunto de formas cristalizadas, constituindo o meio ambiente construído. Alguns desses elementos, como os portos secos, os aeroportos, as modernas rodovias, os pólos industriais, destinam-se a permitir a velocidade de produção e distribuição, de acordo com as necessidades das empresas mais modernizadas. Outros elementos, como os rios, as vias precárias, as unidades fabris adaptadas, indicam tempos menos acelerados. Não podemos supor que as empresas menores não de preferir e usar, sempre, as formas espaciais lentas. Mas, sem dúvida, não podem elas dispor, em todas as ocasiões, das formas espaciais mais modernizadas, cabendo-lhes, assim, a escolha dos momentos certos para desencadear ações rápidas.

A par da divisão do trabalho global, cuja base é o equipamento moderno do território e a formação de redes técnicas e informacionais, surgem divisões do trabalho menores. O fenômeno técnico frui de concretude socioespacial justamente porque os diversos objetos técnicos são localmente apropriados, significados, pela sociedade.

### *A nova força do lugar*

Já muitos investigadores se debruçaram sobre os temas introduzidos pelo processo de globalização. Sob diferentes enfoques, foram estudados o comportamento e a natureza daqueles agentes que mais colaboraram na formação da teia econômica mundial : as empresas multinacionais, os governos nacionais, as instituições supranacionais. Hoje temos, quase como uma idéia de senso comum, que a economia global se produz pelo concurso de poucos agentes poderosos, e que seus resultados têm contribuído, o mais das vezes, para acirrar as desigualdades sociais, econômicas e políticas preexistentes.

Com efeito, os territórios nacionais conhecem, sob os auspícios dos agentes hegemônicos, uma série de fragmentações. Não apenas se distribui desigualmente a riqueza produzida por meio dessas produções e trocas mundiais, como também o próprio espaço cai vítima dessas clivagens, aparecendo regiões ricas, plenas das variáveis mais nobres do sistema, a par de regiões empobrecidas, lugares do fazer.

Mais uma vez, porém, vimos chamar, aqui, atenção para um fenômeno reverso, cuja expressão vem crescendo. Por um lado, os vetores da globalização produzem solidariedades organizacionais, pois, através de sua instalação, as várias partes do território ganham funções diferentes, mas todas integradas num plano restrito e formulado em lugares distantes. Por outro lado, os mesmos lugares que recebem essas variáveis da globalização permitem a emersão de solidariedades orgânicas, ou seja, uma série de relações contíguas, de invenções cotidianas, de achados espaciais, por vezes contrários à ordem global.

Milton Santos (1996, 2002, p. 143-168) ressalta que os eventos da globalização, para realizar-se, devem procurar o lugar e enraizar-se nele. Da mesma forma, dizemos nós que não pode haver globalização sem lugarização, pois toda produção de eventos globais deve acontecer, necessariamente, em situações locais. Apenas, devemos considerar, em proveito de nossos sistemas teóricos, que há no lugar uma força intrínseca, cujo nascedouro é a própria vida nele existente<sup>3</sup>.

Paralelamente ao poder de fragmentação constituído pelos vetores globais, teríamos, então, uma força local de coordenação, realizando três movimentos simultâneos.

---

<sup>3</sup> Os fenômenos grandes tendem a ser mais evidentes, e acabam ocultando a força dos fenômenos pequenos. Em 1900, Planck, analisando as leis da radiação térmica, descobriu a existência de um *quantum* universal de ação. Com isso, a ciência física inicia um longo processo de revisão de suas teorias clássicas, baseadas na lógica dos fenômenos grandes. Niels Bohr, um dos pais da física quântica, escreveu a respeito da descoberta de Planck: "Essa descoberta revelou, nos processos atômicos, uma característica de globalidade inteiramente desconhecida da concepção mecânica da natureza, e tornou evidente que as teorias da física clássica são idealizações, válidas apenas na descrição de fenômenos em cuja análise todas as ações sejam suficientemente grandes para permitir que se despreze o *quantum*". (Bohr, N. 1958, 1995, p. 90)

Primeiramente, as situações locais, formando-se, realizam as tendências da globalização e do mundo. Em segundo lugar, elas concretizam a formação socioespacial, pois a instalação das coisas e das idéias, nos lugares, sempre sofre a intermediação do país. E, finalmente, as situações locais expressam forças novas, inauguram possibilidades imprevistas. Nessa medida, pode-se dizer que o local se apropria do global. Que a parte possa aduzir significados às formas da totalidade, que possa mesmo contradizer algumas determinações impostas pelo todo, isso o filósofo Karel Kosik (1989) já nos ensina com propriedade<sup>4</sup>.

Entender a natureza e a constituição dessa força local, no período contemporâneo, é uma tarefa que se impõe. As invenções locais, observadas com atenção, podem oferecer valiosos avanços. De fato, os lugares são sede de linguagens, técnicas e idéias que, por vezes, fazem contraponto à poderosa ordem global. Mas, o que pretendemos, aqui, sublinhar rapidamente, é a relevância do conteúdo material na compreensão das situações locais.

Em Wittgenstein (1987), temos um dos pilares principais de uma escola que enfatizou a importância da linguagem, num desenvolvimento que desemboca em Habermas (1981, 1987) com sua preocupação com os chamados atos de linguagem. Em Clifford Geertz (1973; 1983), temos contribuições ricas a respeito do saber local, cotidiano e prático. E também da antropologia nos vêm, desde Marcel Mauss (1974), cuidadas pesquisas sobre as técnicas desenvolvidas em pequenos grupos humanos.

Esses ensinamentos não bastam, porém, para que possamos captar o específico das relações entre local e global no período histórico contemporâneo. Sobretudo, falta-lhes uma capacidade de transcendência, pois, com essas idéias, ficamos enredados às teias do local, e dificilmente poderemos percebê-lo como parcela de totalidades maiores: o nacional, o regional, o global. Faltam as mediações que nos permitam percorrer as diversas escalas.

Desde já, deve-se expurgar a noção de que o lugar, por oposição ao processo global, realize uma espécie de concórdia geral. Não é isso que propomos quando falamos em solidariedade orgânica, expressão que vai sem nenhuma carga de moralidade. Em verdade, os agentes individuais, sejam eles pessoas, empresas ou instituições, nunca deixam de portar seus interesses imediatos, aos quais não abandonam mesmo quando se devotam a causas futuras e abstratas. Conforme Sartre (1960, p. 193-199), o indivíduo é vetor de seus projetos individuais e, quando age para realizar esses projetos, reforça as diferenças que, em relação aos outros indivíduos, possui.

---

<sup>4</sup> "Ao todo dialético pertence a criação do todo e a criação da unidade, a unidade das contradições e a sua gênese". (Kosik, K. 1989, p. 42)



Também de Sartre nos vem a idéia de que, a despeito dessas distinções e distâncias individuais, há no mundo um forte aspecto de objetividade e proximidade, representado pelas formas materiais.

[...] se há *totalização* como processo histórico, ela vem aos homens pela *matéria*.

(SARTRE, J. 1960, p. 199)

O mundo comporta uma porção de produções objetivas, entre as quais não contamos apenas a materialidade, mas também a linguagem, as técnicas, as tradições, as ideologias, as normas em suas diversas versões. Todas essas produções integram o território, constituindo o meio no qual a vida se deve realizar. A cada agente corresponde um certo projeto, uma certa temporalidade, uma certa qualidade de informação, mas, a despeito dessas dessemelhanças potenciais, devem todos mover-se num meio construído impositivo, que é por isso um meio comum.

Nesse sentido, Gilbert Simondon (1958, 1969) já falava de um meio associado, misto de natureza e técnica. Se não é possível pensar os processos sociais sem “a base material da vida da sociedade” (Santos, M. 1996, 2002. p. 176), cabe então pensar que a materialidade é, também, aquilo que Habermas (1981, 1987, p. 343-344) chama de saber de fundo sobre o qual se desenrolam as ações comunicativas.

Neste mundo amplamente fragmentado, normatizado e tecnificado, que é o mundo contemporâneo, as ações marginais precisam, muita vez, buscar os interstícios dos sistemas técnicos instalados, onde se amplia a escala de suas possibilidades. Se os propósitos variam grandemente, o mundo é um só, e obedece aos planejamentos feitos pelos agentes mais poderosos, consolidando a técnica, a ciência, a informação, como variáveis dominantes. Os agentes marginais, com acesso mais restrito a essas variáveis-força, movimentam-se nesse meio ambiente impositivo, e é nele que devem buscar a coerência de suas ações e a realização de seus projetos.

Esses agentes marginais, justamente porque possuem menos poder político, devem fazer com que suas ações se ajustem reciprocamente, e que da mesma forma se adaptem ao funcionamento da materialidade do entorno, muita vez instalada por desígnios estranhos ao lugar. A vida no lugar é também a busca por um concerto, por uma intercompreensão, e é nesse sentido que recorreremos à idéia de ação comunicativa, largamente desenvolvida por Habermas (1981, 1987).

A relação entre a sociedade e a materialidade acontece em dois sentidos. Por um lado, os objetos pedem a vida, sem a qual restam carentes de significado e valor, e é nesse sentido que são formas-conteúdo (Santos, M. 1996, 2002, p. 111-168). Por outro lado, a própria vida pede a materialidade, pois, se não incidirem sobre formas concretas, as ações

não podem atender às necessidades que as desencadeiam, simplesmente não podem acontecer. Mais uma vez, vemos, pois, que ações e objetos são indissociáveis.

Os objetos permitem as ações e, de acordo com seus atributos, conformam a base para tais ou tais formas de ação, em tais ou tais velocidades, com tal ou tal escala. Inversamente, as ações permitem a existência dos objetos e, de acordo com a força de que se revestem, reclamam o uso de certos objetos, com certos atributos. Uma situação local solicita variados objetos e, desse modo, constitui a base de sua produção, sua circulação e sua venda.

Se existe, como dissemos em princípio, um fenômeno ao qual estamos chamando de circuito inferior, isso acontece porque há, na sociedade, agentes marginais cuja própria presença autoriza atividades geradoras de objetos menos intencionais, por vezes taxados como ilegais.

Assim também, se há, dentro das atividades farmacêuticas, um circuito superior marginal, deve-se isso, entre outras coisas, ao fato de que as ações, nos lugares, integram-se aos medicamentos de menores conteúdos científicos que os menores laboratórios produzem.

No mundo atual, as atividades e produções mais modernizadas apresentam altos graus de seletividade, ou seja, tendem a concentrar-se em poucos pontos do planeta, ao dispor de pequena porção de agentes (Santos, M. 1996, 2002). Considerando a produção de medicamentos, vemos que tal seletividade se manifesta de duas maneiras. Por um lado, os laboratórios transnacionais fazem dos territórios um uso seletivo, já que as fases produtivas mais elaboradas, como a pesquisa e a decisão, ficam concentradas, enquanto as outras fases de produção se alastram. Por outro lado, a própria natureza da produção desses laboratórios, altamente científicizada, faz com que seus medicamentos apresentem elevado custo de produção e, conseqüentemente, preços dificilmente suportáveis pelas populações pobres. Sendo assim, a indústria farmacêutica de ponta deixa, em muitos pontos do território e em muitos grupos sociais, uma lacuna que deve ser preenchida por meio de alguma espécie de sucedâneo. Neste momento, ganha a cena uma vasta gama de terapêuticas tradicionais, que, aproveitadas pelos menores laboratórios, compõem a linha de muitas pequenas firmas farmacêuticas hoje espalhadas pelo território brasileiro.

As terapêuticas locais se valem de produtos naturais típicos e se transmitem pelas técnicas tradicionais de comunicação. Com isso, os laboratórios farmacêuticos mais modestos acabam incrustados entre duas lógicas paralelas. De um lado, há o grande apelo pelo consumo racional de medicamentos de qualidade cientificamente provada, apelo que tenta espalhar pelo território uma necessidade das terapêuticas modernas, uma visão do mundo e dos corpos, ou, no dizer de Milton Santos (1996, 2002), uma psicoesfera. De outro

lado, perante a incapacidade econômica de atender a esse imperativo, existem os fazimentos curativos tradicionais, sustentados pelos contextos comunicacionais próprios de cada lugar.

Portanto, a própria natureza seletiva das ações instrumentais vai produzindo a possibilidade de emergência de uma série de ações comunicativas. Desse modo, a vida se faz possível nos lugares, ainda que se invista, não raras vezes, de um caráter deploravelmente precário.

## REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, Jean. *Le système des objets*. Paris, Gallimard, 1968 (Les essais, 137).
- BICUDO, Edison. [2004] O circuito intermediário da economia urbana e a produção de medicamentos no território brasileiro. In: *Anais do VI Congresso Brasileiro de Geógrafos*. Goiânia, Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2004.
- BOHR, Niels. [1958] *Física atômica e conhecimento humano: Ensaio, 1932-1957*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Contraponto, 1995.
- DUPUY, Jean-Pierre; KARSENTY, Serge. [1974] *A invasão farmacêutica*. Tradução de Carlos Roberto Oliveira. Rio de Janeiro, Graal, 1979 (Biblioteca de Saúde e Sociedade, 6).
- GEERTZ, Clifford. *The interpretation of cultures: Selected essays*. New York, Basic Books, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Local knowledge: Further essays in interpretative anthropology*. New York, Basic Books, 1983.
- GONZÁLEZ, Alexis Jesús Velázquez. *A indústria farmacêutica brasileira na década de 90 : Mudanças na pesquisa & desenvolvimento, na produção de fármacos e de medicamentos*. Campinas, Dissertação de mestrado, Instituto de Geociências, Unicamp, 1999.
- HABERMAS, Jürgen. [1981] *Théorie de l'agir communicationnel : Critique de la raison fonctionnaliste*. Paris, Fayard, 1987.
- KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. 5a ed. Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.
- LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos : Ensaio de antropologia simétrica*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro, 34, 1994 (Coleção Trans).
- MAGALHÃES, Luís Carlos G. et alii. [2003] *Estratégias empresariais de crescimento na indústria farmacêutica brasileira: Investimentos, fusões e aquisições, 1988-2002*. Brasília, IPEA, novembro de 2003 (Texto para Discussão nº 995).
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo, Edusp, 1974.
- SANTOS, Milton. [1996] *A natureza do espaço : Técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo, Edusp, 2002a (Coleção Milton Santos, 1).
- \_\_\_\_\_. *O espaço dividido : Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. 2a ed. Tradução de Myrna T. Rego Viana. São Paulo, Edusp, 2004 (Coleção Milton Santos).
- SARTRE, Jean-Paul. *Critique de la raison dialectique*, tome I: *Théorie des ensembles pratiques*. Paris, Gallimard, 1960.
- SILVEIRA, María Laura. [1997] Concretude territorial, regulação e densidade normativa. In: *Experimental*, ano 1, nº 2. São Paulo, Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial e Ambiental, Departamento de Geografia, FFLCH/USP, março de 1997. p. 35-45.
- \_\_\_\_\_. [1996] *Um país, uma região : Fim de século e modernidades na Argentina*. São Paulo, Fapesp, 1999.
- SIMONDON, Gilbert. [1958] *Du mode d'existence des objets techniques*. Paris, Aubier, 1969 (Collection Analyse et Raisons, 1).
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tratado lógico-filosófico*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

As pesquisas seguem a todo vapor. @ Igdema - Instituto De Geografia, Desenvolvimento E Meio Ambiente. +4. Nequat - Núcleo de Estudos do Quaternário do Nordeste do Brasil added a new photo with Jonas Herisson at Igdema - Instituto De Geografia, Desenvolvimento E Meio Ambiente. October 23 Maceió<sup>3</sup>, AL, Brazil Defesa do TCC "A poesia no ensino de Geografia nas turmas de 9<sup>o</sup> anos do Ensino Fundamental II da Escola Estadual Rubens Nunes de Oliveira", sob autoria de Cristiano dos Santos Gemano, em Geografia Licenciatura orientados pelo Prof. Me. Ricardo Santos de Almeida, avaliados por Profa. Ma. Sara Ingrid Borba e Prof.